



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)





EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E64 Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-852-6

DOI 10.22533/at.ed.526210803

1. Epistemologia. 2. Ciências Humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A obra apresenta pesquisas em andamento e concluídas em diversas regiões do Brasil, como Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Roraima, Amazonas e São Paulo, além de uma pesquisa em Córdoba, trazendo amplas discussões sobre os mais diversos temas: educação, geografia agrária, gênero, saúde, higiene, moda, direito e religião.

O segundo volume traz pesquisas principalmente nas áreas de educação, gênero e religião. Do capítulo 1 ao 7 temos textos que discutem a educação brasileira em diversos aspectos: a alfabetização não escolar (Capítulo 1), o papel do coordenador pedagógico na educação infantil (Capítulo 2), as políticas de expansões das Instituições de Ensino Superior (IFEs) no capítulo 3.

Os capítulos 7 e 8 fazem a ligação deste tema com pesquisas dedicadas à temática gênero, trazendo discussões sobre uma educação voltada à sexualidade e de uma educação inclusiva a partir da problematização do conceito de gênero.

O capítulo 9 é dedicado ao estudo da presença feminina nas Forças Armadas. Temos também um capítulo dedicado à abordagem da construção da identidade profissional de gestoras (capítulo 10), a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais inviabilizadas na medicina (Capítulo 11). O capítulo 12 por sua vez traça uma historicidade da homossexualidade desde a pré-história problematizando as interpretações a respeito do termo.

Do capítulo 13 em diante temos discussões mais próximas da religião com pesquisas que problematizam o gênero e a religião como marcadores históricos (Capítulo 13), o aconselhamento pré-nupcial (Capítulo 14), a iconoclastia da religião ocidental a partir de Gilbert Durant (Capítulo 15) e a educação cristã segundo a *Divini Illius Magistri* (Capítulo 16).

O volume II da obra “Epistemologia e Metodologia da Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas 2” conclui com um capítulo de autoria de Ana Paula Dias e Isamara Freire a respeito da modelagem contemporânea e as técnicas de tricô a partir de lã reciclada e fios 100% de lã voltadas ao vestuário feminino.

O terceiro volume é dedicado a temas mais diversificados, trazendo pesquisas nas áreas de ciências agrárias e geografia, história (patrimônio, urbano) e saúde (corpolatria, enfermagem, medicina).

O primeiro capítulo dedica-se a explorar as políticas públicas na agricultura camponesa, já o segundo trata da recamponização no Vale do Jauri. Também encontramos um capítulo dedicado à explorar o cultivo monocultural (plantio de uma só cultura) transgênica, fundamentado nas discussões de Capra e Morin.

O capítulo 4 por sua vez, de autoria de Rogério da Silveira, aborda novos métodos de pensar a gestão metropolitana. Em seguida temos uma discussão sobre interdisciplinaridade no campo da economia política a partir da epistemologia da palavra.

O capítulo 6 demonstra o compromisso da Atena Editora em estabelecer relações internacionais, um texto em língua estrangeira (espanhol) dedicado à exploração da fronteira interétnica no sul de Córdoba, dos autores argentinos Ernesto Olmedo e Marcela Tamagnini.

O capítulo 7, Tensões entre governo e terceiro setor no Brasil - uma análise do discurso midiático aborda as políticas públicas que envolvem o 3º setor.

O oitavo capítulo do livro dedica-se ao estudo da integração da América do Sul e o meio ambiente na região amazônica por meio de um método qualitativo bibliográfico-documental para analisar as construções das usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau no Rio Madeira, em Roraima.

Os capítulos 9 a 11 abordam discussões sobre a preservação do espaço urbano, um versa sobre o edifício Caiçara em Recife, outro trata dos jardins românticos do início do século passado na cidade de Vitória, especificamente o parque Moscoso e a praça João Clímaco e o último retrata a paisagem urbana nas construções do entorno da Escola Técnica de São Paulo.

O capítulo 12 e 13 tratam de pesquisas desenvolvidas no Rio de Janeiro, porém com recortes temporais e espaciais diferentes. Enquanto um trata de uma pesquisa sobre as tradições medicinais da comunidade quilombola de Cruzeiroinho (Rio de Janeiro), outra trata da higiene pública na cidade de Rio de Janeiro à época do Império, por meio de uma pesquisa histórico documental.

Os capítulos seguinte investigam questões relacionadas à saúde. Em “Os riscos ergonômicos no cotidiano das equipes de enfermagem” e “Resistência emocional e empoderamento no salvar vidas: experiências de um enfermeiro emergencista no SAMU”, podemos ler pesquisas que problematizam e relatam a importância da enfermagem, capítulos altamente atrelados ao atual momento de enfrentamento à pandemia causada pelo COVID-19.

O penúltimo capítulo da obra trata dos padrões de beleza reforçados pelas mídias digitais com foco nos conceitos de Corpolatria e refletindo sobre as Histórias em Quadrinhos (HQs) da Turma da Mônica e as representações do corpo nesta mídia específica.

O último capítulo da obra trata da surdez unilateral trazendo embasamentos jurídicos sobre o assunto.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

NARRATIVAS DE MIGRANTES: EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO “NÃO ESCOLAR”

Zulmira Ferreira de Jesus Cacemiro

Valdilene Zanette Nunes

DOI 10.22533/at.ed.5262108031

CAPÍTULO 2..... 18

UMA ABORDAGEM DO PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO E SUAS ATRIBUIÇÕES NO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Suely Cristina Soares da Gama

Kleide Ferreira de Jesus

DOI 10.22533/at.ed.5262108032

CAPÍTULO 3..... 33

A ATUAÇÃO DA BUROCRACIA DE MÉDIO DE ESCALÃO NA CONSECUÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO POLÍTICA DE EXPANSÃO DAS IFES NO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Andreza dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.5262108033

CAPÍTULO 4..... 56

CBAI E OS AGENTES DO ENSINO INDUSTRIAL (1946 A 1963)

Nívea Maria Teixeira Ramos

José Geraldo Pedrosa

DOI 10.22533/at.ed.5262108034

CAPÍTULO 5..... 69

COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO: INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

Adelcio Machado dos Santos

Rubens Luís Freiberger

Daniel Tenconi

Danielle Martins Leffer

Alisson André Escher

DOI 10.22533/at.ed.5262108035

CAPÍTULO 6..... 77

DA DOCILIZAÇÃO À MIMESE: AS INICIATIVAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL COMO MECANISMOS DE ADAPTAÇÃO À CONCEPÇÃO NEUROLÓGICA DA MODERNIDADE À ECONOMIA 4.0

José Rodrigo Paprotzki Veloso

DOI 10.22533/at.ed.5262108036

CAPÍTULO 7..... 90

EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE NA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DIÁLOGICO E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SUBJETIVOS

Pedro Raimundo Mathias de Miranda

José Moysés Alves

DOI 10.22533/at.ed.5262108037

CAPÍTULO 8..... 101

“COISA DE MENINO, COISA DE MENINA”: O PAPEL DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO BASE PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Fábio Peron Carballo

DOI 10.22533/at.ed.5262108038

CAPÍTULO 9..... 116

MULHERES, FORÇAS ARMADAS E GÊNERO: BREVES NOTAS SOBRE POTENCIALIDADES E DESAFIOS

Rafael Normando Miranda Morais

André Luiz Machado das Neves

Juliana Maria Duarte Marques

DOI 10.22533/at.ed.5262108039

CAPÍTULO 10..... 131

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL: ESTUDO COM GESTORAS DAS GERAÇÕES *BABY BOOMERS*, X E Y

Marlene Catarina de Oliveiras Lopes Melo

Vilma Santos Pereira de Faria

Ana Lúcia Magri Lopes

DOI 10.22533/at.ed.52621080310

CAPÍTULO 11..... 149

A SEXUALIDADE DE CORPOS INVISIBILIZADOS PELAS REPRESENTAÇÕES MÉDICAS: COMO PROMOVER A SAÚDE DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS DIANTE DESSE CONTEXTO?

Beatriz Silva Matos

Luana Ferreira Botelho

Preciliana Barreto de Moraes

Rosendo Freitas de Amorim

Amanda Sousa Felix

Breno Igor Medeiros Freitas

Bruna Maria Costa Gomes

Luany de Queiroz da Silva

Antônio Fábio Macedo de Sousa

Clara da Silva Soares

DOI 10.22533/at.ed.52621080311

CAPÍTULO 12..... 159

HOMOSSEXUALIDADE: DAS RAÍZES PRÉ-HISTÓRICAS ÀS NOVAS LUTAS IDENTITÁRIAS DE RECONHECIMENTO

Lucas Ramos Ruas

Maria de Fátima Araújo Di Gregório

DOI 10.22533/at.ed.52621080312

CAPÍTULO 13	166
RELIGIÃO E GÊNERO: UM BREVE RELATO DA RELAÇÃO ENTRE ESTES MARCADORES NA HISTÓRIA	
Ana Margareth Manique de Melo	
DOI 10.22533/at.ed.52621080313	
CAPÍTULO 14	177
ACONSELHAMENTO PRÉ-NUPCIAL: UMA PROPOSTA PASTORAL SOB O PONTO DE VISTA DA MORAL ÉTICA E DOS DIREITOS HUMANOS	
Samuel Sanches	
DOI 10.22533/at.ed.52621080314	
CAPÍTULO 15	184
A ICONOCLASTIA DA RELIGIÃO OCIDENTAL: UM PARADOXO DO IMAGINÁRIO SEGUNDO GILBERT DURAND	
Carlos André Macêdo Cavalcanti	
José Herculano Filho	
DOI 10.22533/at.ed.52621080315	
CAPÍTULO 16	192
A EDUCAÇÃO CRISTÃ SEGUNDO A ENCÍCLICA <i>DIVINI ILLIUS MAGISTRI</i>	
Maximiliano Gonçalves da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.52621080316	
CAPÍTULO 17	205
CORRELAÇÕES ENTRE MODELAGEM CONTEMPORÂNEA E AS TÉCNICAS DE TRICÔ PARA O VESTUÁRIO FEMININO	
Ana Paula Dias	
Isamara Freire	
DOI 10.22533/at.ed.52621080317	
SOBRE A ORGANIZADORA	215
ÍNDICE REMISSIVO	216

CAPÍTULO 11

A SEXUALIDADE DE CORPOS INVISIBILIZADOS PELAS REPRESENTAÇÕES MÉDICAS: COMO PROMOVER A SAÚDE DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS DIANTE DESSE CONTEXTO?

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 08/12/2020

Bruna Maria Costa Gomes

Universidade Estadual do Ceará, Mestranda
em Sociologia/UECE, Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/3807215049496424>

Beatriz Silva Matos

Universidade Estadual do Ceará, Graduanda
em Ciências Sociais, Fortaleza,
<http://lattes.cnpq.br/8789294021027733>

Luany de Queiroz da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Mestranda
em Sociologia/UECE, Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/6238913265248809>

Luana Ferreira Botelho

Universidade Estadual do Ceará, Graduanda
em Ciências Sociais, Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/6802319018297237>

Antônio Fábio Macedo de Sousa

Universidade Federal do Ceará, Mestrando em
Sociologia/UFC, Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/5776236103823418>

Preciliana Barreto de Morais

Universidade Estadual do Ceará, Professora/
Dra da Graduação em Ciências Sociais e do
Programa de Pós-Graduação de Sociologia,
Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/8096533106373011>

Clara da Silva Soares

Universidade Federal do Ceará, Doutoranda
em Sociologia/UFC, Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/4785630002206210>

Rosendo Freitas de Amorim

Professor/Dr/Técnico da Secretaria de
Educação do Ceará (SEDUC), Fortaleza, Pós-
Doutor em Saúde Coletiva pelo Instituto de
Saúde da Universidade Federal da Bahia (ISC/
UFBA)
<http://lattes.cnpq.br/5788651334387181>

Amanda Sousa Felix

Universidade Estadual do Ceará, Graduanda
em Ciências Sociais, Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/2953038050184903>

Breno Igor Medeiros Freitas

Universidade Estadual do Ceará, Graduando
em Ciências Sociais, Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/2903383537547869>

RESUMO: O conservadorismo e as relações de poder que sustentam a base das sociedades capitalistas produzem o apagamento de corpos que não operam a partir do modelo estabelecido, intensificando essa opressão a partir dos recortes de classe, gênero e raça. O impacto desse processo influencia a elaboração de algumas práticas e discursos no campo da saúde, orientando a formação de profissionais e políticas públicas que atendem apenas a sexualidade pautada no binarismo/heterossexual. Sendo assim, o objetivo desse trabalho é entender como se dá o cuidado dos corpos de mulheres cisgênero, com recorte para as mulheres lésbicas e bissexuais. A metodologia baseou-se no estudo de quatro manuais do

programa “Saúde e Prevenção nas Escolas” (SPE) e em autores como Foucault (2018), Guaciara Louro (2000), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, Mulheres, Saúde.

THE SEXUALITY OF BODIES INVISIBLE BY MEDICAL REPRESENTATIONS: HOW TO PROMOTE THE HEALTH OF LESBIAN AND BISEXUAL WOMEN IN THIS CONTEXT?

ABSTRACT: The conservatism and the power relations that support the base of capitalist societies produce the erasure of bodies that do not operate from the established model, intensifying this oppression based on class, gender and race. The impact of this process influences the development of some practices and discourses in the health field, guiding the training of professionals and public policies that only address sexuality based on binarism / heterosexuality. Thus, the objective of this work is to understand how care is taken for the bodies of cisgender women, with a focus on lesbian and bisexual women. The methodology was based on the study of four manuals of the program “Health and Prevention in Schools” (SPE) and on authors such as Foucault (2018), Guaciara Louro (2000), among others.

KEYWORDS: Sexuality, Women, Health.

1 | INTRODUÇÃO

Podemos iniciar nossa discussão nos questionando sobre o caráter da invisibilidade de corpos que fogem ao modelo heteronormativo. Como analisaremos a seguir esse não reconhecimento é produzido sobre esses corpos que existem e lutam por seu espaço diariamente, construindo todo um histórico de movimentos identitários que comprovam essa resistência. Sendo assim, podemos nos perguntar como nossa sociedade trabalha para sustentar esse silenciamento mesmo quando esses corpos continuam a emergir? Para verificar os mecanismos que operam nesse processo, não podemos deixar de analisar as relações de poder que cerceiam nosso cotidiano e também como elas se intensificam a partir dos recortes de classe, raça e gênero.

Algumas transformações no campo da saúde, na tecnologia, nos debates sobre gênero, identidades e outros, trouxeram novas questões ao tema da sexualidade. Esta não se trata apenas de um assunto individual, pois perpassa pelo contexto de construção social e política na qual está inserida. Desse modo, nossa cultura promove e orienta nossas formas de agir, pensar, sentir e de exercer a nossa sexualidade. No decorrer dos séculos podemos verificar mudanças de conduções nas práticas e nos discursos permitidos no campo da sexualidade, ressaltamos, entretanto, que a moral acompanha todo esse processo, reconfigurando as maneiras de classificar e regular os corpos. Como bem verifica a autora Guaciara Louro:

As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas.

As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000, p. 9).

Visualizando então a sexualidade como um dispositivo histórico¹, podemos refletir que a sociedade está em constante produção de classificações e mecanismos disciplinares. Se começam a surgir diversas identidades sexuais, esta desenvolve novas instituições de controles e normas. Como Foucault analisa no seu livro “História da Sexualidade: a vontade de saber” (2018), esse poder não vai ser necessariamente encontrado nas dualidades entre governantes/governados, legal/ilegal, mas encontrará formas mais sutis e fluidas de ser incorporado. Divulgado como instrumento de bem-estar e proteção, esse biopoder controla a vida dos indivíduos desde o seu nascimento até a sua morte.

Historicamente as instâncias produtoras de saberes, poderes e da sexualidade funcionam de maneira interconectadas. Esses três pilares passam também a compor as regras dentro do jogo social, e se outros comportamentos sexuais não são considerados, claramente, no campo da cultura, tornam-se invisibilizados, interditados, incômodos e até julgados como inexistentes. O objetivo desse trabalho é entender como se dá o cuidado dos corpos de mulheres cisgênero que possuem uma orientação sexual que foge ao modelo heteronormativo, com recorte para as mulheres lésbicas e bissexuais. Para essa análise trazemos os seguintes questionamentos: como o sexo e a sexualidade são tratados pelas instituições sociais, especificamente as de saúde; que discursos são permitidos; quem é autorizado a falar; como esses discursos normativos e “competentes” alcançam as parcelas da sociedade que são estigmatizadas e excluídas devido aos lugares sociais que ocupam.

2 | SAÚDE, RAÇA, CLASSE E GÊNERO

Compreendendo que essas identidades sociais não estão pautadas apenas na sexualidade, mas sim nas questões de raça, classe, nacionalidade, gênero e outros, podemos observar como as instituições vão elaborar discursos relativamente heterogêneos que nem sempre irão contemplar todos os indivíduos. Nas palavras da autora Guaciara Louro:

Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Eles falam por si e também falam pelos “outros” (e sobre os outros); apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos. (LOURO, 2000, p. 12).

1. Termo utilizado por Michel Foucault (1988) para definir os discursos sobre o sexo que regulavam, normatizavam e instauravam saberes.

Como o que está inscrito no social reverbera no campo da saúde, consideramos que certas características serão eleitas como centrais, automaticamente repelindo tudo que não se enquadra nessa norma. A partir desses rótulos são desenvolvidas hierarquias e desigualdades, sendo assim como ficará a saúde dos corpos que são marcados como “outros” e “estranhos” ou mesmo “abjetos”?

Compreendendo que as representações sociais, na sociedade brasileira, ainda estão orientadas por um discurso conservador, patriarcalista, racista e homofóbico, podemos verificar que a saúde não está isenta da ideia de raça como uma classificação promotora de (in) diferenças e discriminações raciais. Historicamente, tivemos a propagação de ideias eugenistas, ancoradas na suposta “supremacia” dos corpos brancos, que excluíram a população negra de ações de promoção da saúde e do bem-estar. Até os dias atuais existe uma enorme dificuldade por parte do sistema de saúde no processo de identificação da raça nos atendimentos, mesmo quando isso ocorre, os dados não são utilizados para a implantação de políticas públicas que comportem as especificidades desses corpos. Fato que mostra como o campo da saúde dominado pelo saber médico de uma branquitude² tem historicamente estruturado desigualdades raciais no país.

Apesar do longo histórico de lutas dos movimentos feministas por seus direitos reprodutivos, essas vitórias se restringiram em muitos aspectos as mulheres de classe média alta e brancas. Como suas reivindicações foram eleitas como centrais, as mulheres negras e pobres não foram integradas em questões como concepção, contracepção e continuaram a ser exterminadas por processos como a esterilização e o aborto. Quando começaram a emergir movimentos feministas anti-racistas essa situação começou a ser alterada, no entanto, até a atualidade as mulheres negras não se encontram substancialmente representadas em um espaço que deveria ser respaldado pela promoção da saúde e do bem-estar para todas e todos. Uma possível solução é apontada pela filósofa, escritora e ativista Sueli Carneiro:

Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área de saúde; (CARNEIRO, 2011, p. 3).

A questão de classe também passa por essa intersecção entre saúde e sexualidade, o advento da sociedade capitalista trouxe a apropriação dos discursos sobre a sexualidade por parte da burguesia. Com isso foi crescendo os espaços específicos em que esse assunto

2. A “branquitude” figura como uma construção social e performance racial que sustenta uma série de privilégios materiais e simbólicos incorporados em sociedades estruturalmente racistas, nas quais as relações sociais são estruturadas por hierarquias de classe, raça e gênero (SCHUCMAN, 2014).

poderia ser tratado, ou seja, o tema se transforma em propriedade de um único segmento social, e este, se beneficia com a instituição e o desenvolvimento de alguns ambientes como foi o caso das casas e clínicas de saúde. A sexualidade se encerra na função de reprodução e esse processo auxilia na repressão de corpos que não se enquadram no modelo de família produzido por essa classe.

Podemos observar o quanto às orientações de saúde expõem os conflitos de saberes e as relações de poder, ratificando a atualidade dos estudos foucaultianos nesse campo. A falta de atenção à saúde de corpos que não se enquadram no padrão heterossexual e branco é uma realidade principalmente para as mulheres lésbicas e bissexuais. Se as mulheres de orientação heterossexual historicamente tiveram dificuldade no reconhecimento de sua sexualidade, inicialmente voltada apenas para o planejamento familiar e para as outras questões que envolvem a reprodução, outros tipos de condutas sexuais que não são registradas como normativas vivenciam um descaso ainda maior da sociedade. Como vivemos em uma sociedade patriarcal dominada por valores sociais de uma branquitude, até hoje continuamos nas lutas para o reconhecimento do corpo da mulher como portador de desejos e escolhas.

O gênero como conceito que auxilia na construção dos papéis sociais de homens e mulheres é utilizado para legitimar a repressão de orientações que fogem às regras das condutas normatizadas e racializadas: homem-mulher-criança-família. Nesse contexto, podemos compreender o quanto as instituições da nossa sociedade produzem e promovem formações socioculturais normativas, tendo dificuldades de reconhecer e lidar com outras expressões da sexualidade. Contudo, a discussão no campo da saúde sobre outras sexualidades se torna essencial, pois se esta tem como princípio o acolhimento e a promoção de bem-estar para todos, como promover o atendimento as mulheres que comportam práticas sexuais diferentes do modelo hegemônico?

3 | LUTA PELA SAÚDE DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS

Analisando o processo histórico, sabe-se que a experiência da sexualidade feminina foi construída sobre um silenciamento, o modelo patriarcal encarregou-se de dar visibilidade e ascensão ao masculino, constituindo a mulher como o “Outro”. Com isso, além de apagar o papel da mulher também lhe foi negado à vivência afetivo-sexual, principalmente das que não se identificam como heterossexuais. Diante disso, a homossexualidade feminina foi sustentada pela política do esquecimento, o discurso e o comportamento heterossexual exercem, ainda hoje, um processo bastante eficaz de coercitividade sobre as escolhas e condutas dos indivíduos nas relações sociais e sexuais. Tal imposição silenciou e negligenciou as outras formas de expressão da sexualidade historicamente, como podemos verificar na análise de Swain (2000) quando se refere aos atenienses. Segundo a autora, as mulheres eram inferiorizadas e não atingiam algum discernimento sobre o que seria

o sentimento do amor. Nesse contexto, as experiências entre mulheres na Grécia foram relegadas às invisibilidades e a participação destas na vida política era desconsiderada, inexistente.

No Brasil contemporâneo, as melhoras nas condições de saúde foram frutos de muitas lutas, dentre essas o Movimento da Reforma Sanitária na década de 1980 que está garantido como direito fundamental na Constituição de 1988. Nesse contexto, a saúde é compreendida de maneira ampliada e não apenas ligada a assistência médico sanitária. À vista disso, a saúde é resultante do acesso coletivo de pessoas aos bens e serviços públicos oferecidos pelas políticas sociais. A saúde e a Assistência social integram o Sistema de Seguridade Social que tem como lema o compromisso e a responsabilidade do Estado com o bem-estar da população.

Na década de 1980 aparece tematizada pela primeira vez nas políticas públicas de saúde uma perspectiva de gênero, a saúde da mulher é colocada em pauta e abordada no Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM). Porém, naquele contexto, o foco central estava dirigido principalmente para a saúde reprodutiva, as ações de saúde estavam destinadas para a anticoncepção, planejamento familiar e pré-natal, a saúde sexual foi pouco valorizada. Ainda nos anos 1980, com a eclosão do HIV, as políticas relacionadas à AIDS tiveram a atenção direcionada para as práticas sexuais entre homossexuais masculinos, havia uma crença de que as mulheres homossexuais não eram vulneráveis à infecção. Essa ideia permitiu que houvesse uma invisibilidade das mulheres lésbicas e bissexuais nas políticas públicas de saúde, inclusive no que diz respeito à prevenção de Infecções e doenças sexualmente transmissíveis e do HIV/AIDS.

A década de 1990 configurou-se como um período bastante promissor no que concerne à saúde. O cenário internacional destacou-se com várias conferências, em especial as Conferências do Cairo e de Beijim que promoveram discussões sobre a autonomia dos Direitos Sexuais com relação aos Direitos Reprodutivos. A partir desses marcos, a saúde sexual passou a ser vista e valorizada como necessária para a promoção da saúde das mulheres. Dentre os resultados dessas conferências podemos citar o avanço obtido em relação à introdução dos direitos sexuais como parte dos direitos humanos e o reconhecimento da mulher como ser sexual, sendo desvinculada da função restrita de reprodução. Esses avanços estão expressos no histórico parágrafo 96 que foi aprovado diante de muitas discussões, pressões e disputas principalmente entre o Vaticano e a coalizão de mulheres. Tal documento ressalta que:

Os direitos humanos das mulheres incluem seu direito a ter controle e decidir livremente e responsabilmente sobre questões relacionadas à sua sexualidade, incluindo a saúde sexual e reprodutiva, livre de coação, discriminação e violência. Relacionamentos igualitários entre homens e mulheres nas questões referentes às relações sexuais e à reprodução, inclusive o pleno respeito pela integridade da pessoa, requerem respeito mútuo, consentimento e divisão de responsabilidades sobre comportamento

sexual e suas consequências (CARVALHO; CALDERARO, e SOUZA, 2013, p. 20).

O ano de 1996 é considerado referência importante na luta do movimento homossexual feminino brasileiro, pois marca a realização do I Seminário Nacional de Lésbicas- SENALE, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro. Este acontecimento histórico oficializou o dia 29 de agosto como o “Dia da Visibilidade Lésbica” e despertou pautas que até então permaneciam invisibilizadas no chamado “movimento gay”. As 100(cem) mulheres lésbicas e bissexuais que estavam presentes no evento trouxeram, dentre outros assuntos, a temática da saúde sexual feminina e sua institucionalização como política de Estado. Em 2004, oito anos depois desse acontecimento, foi lançada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), essa política inclui novas ações reconhecendo que a atenção às mulheres engloba mulheres LGBTQTS, indígenas, negras, presidiárias, deficientes e que habitam os espaços rurais.

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher (PNAISM), lançada em 2004, pontuou questões pertinentes às lésbicas como, por exemplo, a necessidade de se prevenirem contra o câncer de mama e colo do útero, porém perpetua uma “inclusão que exclui”, ao não especificar em seu Plano Operativo ações concretas voltadas a essa população (CARVALHO; CALDERARO, e SOUZA, 2013 p. 20)

Irina Bacci (2016) aponta que ainda no ano de 2004, foi fundado pela Área Técnica da Saúde da Mulher (ATSM), com parceria junto ao Ministério da Saúde, um grupo de trabalho que se destinava a discussão da saúde lésbica. Esta mesma Área Técnica articulou a retomada do diálogo entre o Ministério da Saúde e o grupo de lésbicas e mulheres bissexuais que, por sua vez, levou à elaboração e lançamento da cartilha “Chegou a hora de cuidar da saúde”, no ano de 2006 em São Paulo. O Programa Brasil Sem Homofobia, também foi lançado no ano de 2004, porém duramente criticado por Irineu (2017), que considerou algumas ações voltadas às mulheres lésbicas como limitadas com relação,

a realização de campanhas e implementação de centros de referência para o combate à homofobia; as ações específicas para propiciar a inserção adequada das mulheres lésbicas no interior de políticas e equipamentos públicos de combate à violência contra a mulher, como as Delegacias Especializadas; a promoção da atenção especial à saúde da mulher lésbica em todas as fases da vida, inclusive por meio da capacitação de profissionais de saúde; e formalização de espaços de interlocução entre o Ministério da Saúde e o movimento, como o Comitê Técnico Saúde da População de Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais. (BACCI, 2016, p. 37)

Após vinte e sete anos, mais precisamente no de 2007, passou a ocorrer o fenômeno de feminização da Aids, que chamou a atenção para a vulnerabilidade das mulheres com relação à infecção pelo HIV. Esta situação tornou necessária a atenção à saúde das mulheres lésbicas e bissexuais. Já em 2008, ocorreram dois acontecimentos

marcantes, foi lançado o Programa Mais Saúde – Direito de Todos, que teve como objetivo principal a reorientação das políticas públicas com o objetivo de garantir a equidade nos serviços de saúde. Este programa visava ampliar o acesso de qualidade e promover ações que enfrentassem as desigualdades sociais reconhecidas como determinantes no processo de adoecimento. A atenção do programa foi voltada para as populações negra, LGBT, quilombola, população de rua, profissionais do sexo e outras. Ainda em 2008, a 13ª Conferência Nacional de Saúde, pela primeira vez, incluiu a orientação sexual e identidade de gênero como determinantes sociais para a saúde.

Houve recomendações amplas em várias áreas, buscando abranger a saúde não meramente como ausência de doença. Em 2008, também aconteceu a 1ª Conferência Nacional LGBT que promoveu de forma ampla a participação social e o debate público sobre as necessidades de saúde da população LGBT. Da Conferência resultou a elaboração da Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT, legitimada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) em 2009. E mais recentemente, no ano de 2013, o Ministério da Saúde criou a cartilha “Mulheres lésbicas e bissexuais – Direitos, Saúde e Participação Social”, que tem por objetivo “destacar a importância da participação social na construção das políticas públicas, em especial, da saúde, considerando as especificidades de mulheres lésbicas e bissexuais” (BRASIL, 2013). De forma a saciar as demandas de informação do movimento social, a cartilha é um material educativo que aborda aspectos históricos da luta de mulheres por cidadania, as manifestações em prol de políticas públicas e os cuidados em saúde específicos às mulheres lésbicas e bissexuais.

Analisando estes marcos políticos, nota-se que é impossível tratar de política pública de saúde sem abordar a ampliação da participação social, principalmente no caso do segmento LGBTQIA+. Outro elemento indispensável é o estímulo à construção de conhecimento para que se qualifique a promoção, a atenção e o cuidado. Não podemos abordar a produção da saúde de forma integral sem mencionar processos violentos que corpos estigmatizados sofrem, como a homofobia, transfobia, racismo e outras formas de exclusão social. Estas interferem no acesso aos serviços, na prevenção adequada de câncer de colo uterino, a prevenção de IST's e AIDS e no acesso às tecnologias reprodutivas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho baseou-se na identificação e análise de documentos do Ministério da Saúde sobre prevenção e promoção de saúde para a população jovem brasileira realizado pelo grupo de estudantes e por dois professores do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Ciências Sociais em Saúde (LESSAU), vinculado ao curso de graduação de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará/Fortaleza. No desenvolvimento da pesquisa nos deparamos com uma série de 8 (oito) manuais elaborados pelo Ministério da Saúde que integram o programa “Saúde e Prevenção nas Escolas” (SPE). Quatro

manuais, dentre os oito, despertaram a nossa atenção para desenvolvermos o tema deste trabalho, foram estes: “Diversidades Sexuais”, “Gêneros”, “Prevenção das DST, HIV e Aids” e “Sexualidades e Saúde Reprodutiva”. O principal aspecto que orientou nossas escolhas do material supracitado foi o fato de verificarmos neles a ausência de discussão sobre políticas públicas e de materiais preventivos direcionados para a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais.

Não existem estatísticas precisas sobre o número de mulheres lésbicas ou bissexuais no Brasil, dificultando um registro quantitativo desse grupo. Observamos que as poucas pesquisas direcionadas ao tema e a expectativa de discriminação relacionada à declaração da orientação sexual, são algumas das causas de muitas mulheres buscarem preservar esta identidade. Além disso, a própria definição das práticas sexuais é muita mais difusa, não correspondendo necessariamente ao padrão de “penetração vaginal”. Apesar disso, diretrizes internacionais sugerem que 5 a 10% da população feminina compõem esse segmento.

É fato reconhecido em todo mundo que o cuidado com a saúde das mulheres tem passado por avanços significativos nas últimas décadas. Porém, poucos trabalhos de pesquisa estudam especificamente o impacto desses avanços para as mulheres lésbicas ou bissexuais, grande parte desse público não se enquadra no modelo prioritário da atenção básica que muitas vezes se refere apenas à saúde materno-infantil.

Vejam os que aqui não salientamos uma maior ou menor “preocupação” com mulheres lésbicas e bissexuais, mas sim discutimos uma visibilidade e uma realidade que muitos desconhecem ou poucos sabem, pois ainda há um tabu e preconceito fortes que precisam ser abordados e debatidos. Não apenas homens e mulheres heterossexuais, como também muitas mulheres lésbicas e bissexuais, de forma equivocada, acreditam que por se relacionarem sexualmente com outras mulheres estão isentos ou isentas de qualquer risco. Porém, o fato de ser lésbica ou bissexual não impede e nem restringe o cuidado que se deve ter em relação ao câncer de colo de útero, câncer de mama e/ou a infecções sexualmente transmissíveis (IST’s).

Necessitamos de uma maior compreensão das especificidades desses corpos, tanto por parte dos profissionais de saúde, como nas diretrizes de base da educação sexual, a fim de que essas mulheres reconheçam sua sexualidade como uma área a ser tratada com atenção semelhante às orientações hegemônicas da nossa sociedade. Contudo, precisamos diminuir a distância entre o saber e a sexualidade, para que assim essas mulheres dialoguem, sem receios ou medos, com profissionais capazes de compreender suas práticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. **Argumentos em torno da possibilidade de infecção por DST e AIDS entre mulheres que se autodefinem como lésbicas**. Physis [online]. 2009 vol.19, n.2, pp.301-331.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: diversidades sexuais**/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: sexualidades e saúde reprodutiva** /Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: prevenção das DST, HIV e Aids**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASILIA. Eleonora Menicucci. Secretaria de Políticas Para As Mulheres (Org.). **Atenção Integral à Saúde de Mulheres Lésbicas e Bissexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 123 p. Disponível em: <<https://portalquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/agosto/31/livreto-atencao-a-saude-de-mulheres-lesbicas-versao-web.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Instituto da Mulher Negra São Paulo SP, 2011.

CARVALHO, Cintia Sousa; CALDERARO, Fernanda e SOUZA, Solange Jobin. **O dispositivo “saúde de mulheres lésbicas”: (in)visibilidade e direitos**. Rev. psicol. polít. [online]. 2013, vol.13, n.26, pp. 111-127. ISSN 1519-549X.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: A vontade de saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Paz e Terra, 2018.

IRINEU, Bruna. **Exercendo a “crítica lesbofálica” às demandas por uma “cidadania LGBT” no contexto brasileiro (2003-2016)**. Periodicus, Salvador, n. 7 v. 1, maio-out. 2017.

LOURO, Guaciara. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. 2ª ed. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2000.

SWAIN, Tania. **O Que é Lesbianismo**. 1ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 2000.

VIII SEMINÁRIO NACIONAL DE LÉSBICAS (SENALE): **“Lesbianidades e Feminismos: Enfrentando o Machismo, o Racismo e a Lesbofobia”** - Relatório Final / LBL – Liga Brasileira de Lésbicas”, 2014. p.41.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Branquitude e poder: revisitando o “medo branco” no século XXI. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 6, n. 13, p. 134-147, 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abordagem Emancipatória 90, 91, 93

Agentes 24, 34, 36, 56, 58, 62, 66, 67, 68

Alfabetização “Não-Escolar” 1, 4, 15

Aprendizagem 12, 13, 14, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 31, 53, 58, 60, 67, 85, 91, 92, 94, 96, 97, 99, 100, 139, 140

B

Burocracia de Médio Escalão 33, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 50, 51, 54, 55

C

Carreira Militar 116, 120, 121

CBAI 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Compartilhamento 69, 71, 73, 74, 76, 96, 99

Conhecimento 5, 7, 8, 11, 12, 14, 15, 20, 23, 24, 26, 28, 29, 30, 32, 35, 38, 40, 44, 45, 46, 47, 50, 52, 63, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 83, 88, 93, 97, 103, 118, 122, 135, 140, 142, 143, 145, 147, 156, 160, 161, 177, 181, 186, 189, 191, 200

Coordenação 18, 19, 21, 30, 31, 41, 42, 61, 72, 73, 82, 133

D

Desenvolvimento 4, 14, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 39, 40, 48, 50, 52, 57, 60, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 84, 86, 91, 92, 94, 96, 99, 102, 103, 115, 120, 129, 136, 137, 139, 142, 145, 147, 153, 156, 160, 161, 164, 166, 167, 169, 175, 179

E

Economia 4.0 77, 78, 85, 86, 87

Educação 1, 2, 5, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 38, 39, 42, 45, 53, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77, 90, 92, 93, 99, 100, 101, 102, 103, 113, 114, 149, 158, 176, 191, 192, 215

Educação Física Escolar 101

Educação Infantil 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

Educação Profissional 42, 52, 67, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Educação Sexual 90, 91, 92, 93, 98, 99, 100, 157

Empoderamento 84, 120, 166, 167, 168, 172, 175

Ensino Industrial 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68

Epistemologia Qualitativa 90, 93

F

Forças Armadas 116, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130

G

Gênero 3, 91, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 125, 128, 129, 130, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 158, 160, 164, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 175, 176, 215

Gerações 62, 131, 132, 133, 136, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 164, 195

Gerentes 55, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Gilbert Durand 184, 185, 189, 190, 191

H

Homossexualidade 104, 153, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 171, 173

I

Iconoclastia 184, 185, 186, 189, 190, 191

Identidade Profissional 131, 132, 134, 135, 140, 141, 145

IFES 33, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53

Igualdade de Gênero 116, 125

Imaginário 184, 185, 188, 189, 190, 191

Implementação 14, 25, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 69, 147, 155

L

Lutas Identitárias 159

M

Migrantes 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

Modernidade 16, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 160, 163, 189, 190, 193, 195, 198, 203

Mulheres 3, 5, 20, 22, 91, 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 138, 140, 143, 144, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 162, 166, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 205, 208, 211

N

Narrativas 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 27, 55, 189

O

Organização 1, 4, 5, 8, 12, 19, 22, 24, 25, 26, 29, 32, 39, 46, 60, 61, 67, 69, 71, 72, 73, 74,

75, 79, 88, 122, 130, 133, 134, 135, 139, 142, 143, 144, 145, 171, 173, 174, 179

P

Política Pública 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 45, 54, 156

R

Raízes Pré-Históricas 159

Reconhecimento 8, 14, 21, 38, 98, 103, 113, 122, 150, 153, 154, 159, 165, 176, 183

Relação 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 24, 29, 35, 37, 46, 51, 60, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 118, 119, 138, 140, 142, 143, 145, 154, 155, 157, 159, 162, 166, 167, 168, 172, 175, 178, 179, 180, 189, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 201, 202, 212, 213

Religião 134, 151, 162, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 184, 185, 186, 190, 191, 198, 200, 201, 202, 204

S

Saúde 11, 21, 28, 54, 55, 58, 62, 100, 102, 113, 122, 125, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 175, 179, 207, 208

Sexualidade 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 113, 114, 115, 119, 121, 129, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 169, 173, 174, 181

T

Tecnologia 45, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 137, 147, 150



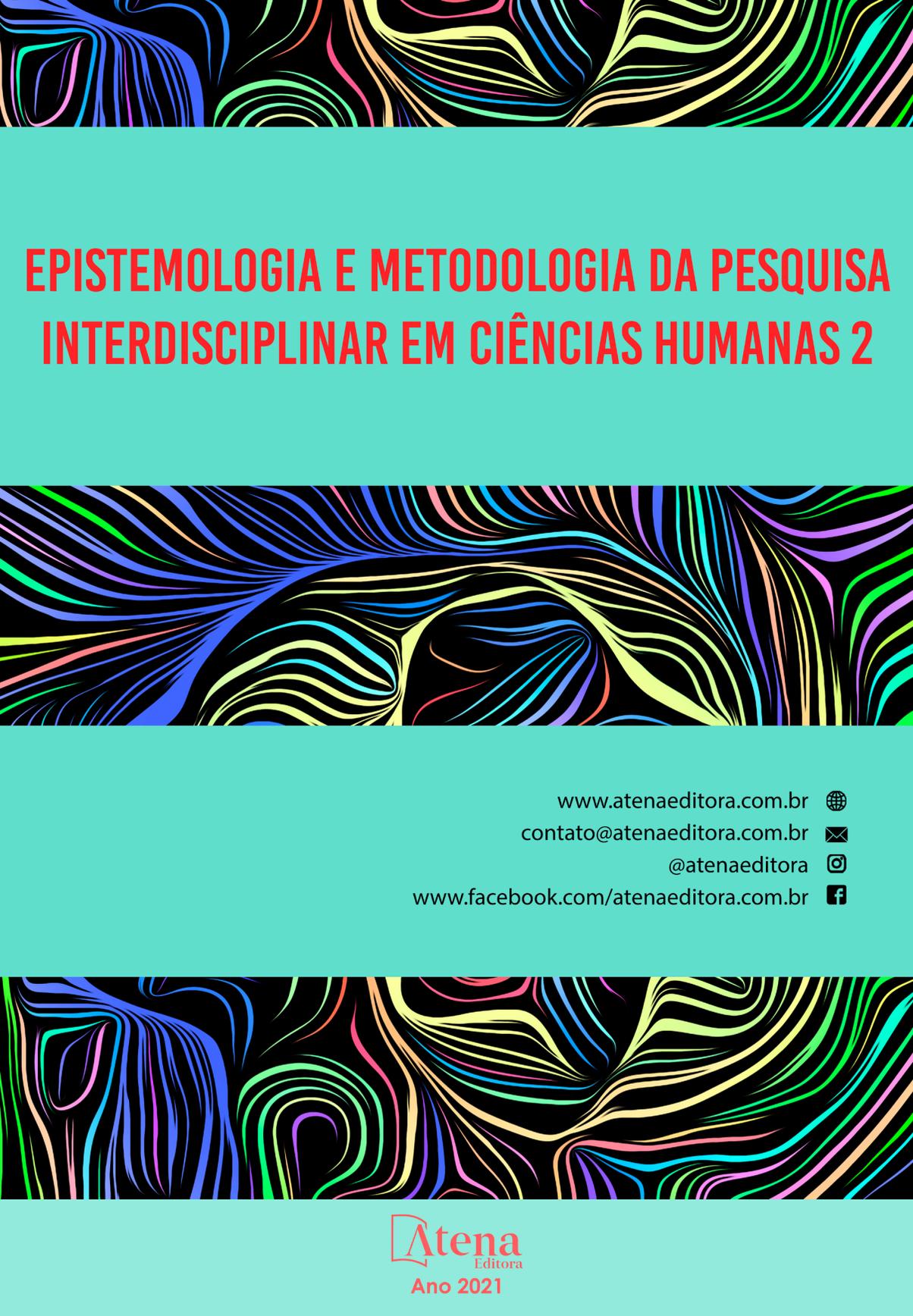
EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



EPISTEMOLOGIA E METODOLOGIA DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 